

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O São Paulo

Class.: 22

Data: 10 a 16/07/81

Pg.: 5



Os Guajá à beira da destruição

Carlos Ubiali

Movimentos de índios “brabos” estavam sendo continuamente assinalados pelos moradores da região do Alto Carú, município de Bon Jardim, Maranhão, sobretudo os habitantes de São José do Carú que, vez por outra, organizam caçadas até as cabeceiras do igarapé da Fome, onde ainda tem muita caça e grandes cocais.

Foi lá mesmo, num cocal situado entre as duas cabeças do igarapé, que o pessoal viu os índios e muitos sinais da presença deles.

Resolvi ir até lá, na região do Carú, para apurar a veracidade das notícias e, se fosse possível, identificar e localizar o grupo. A primeira etapa foi Novo Carú, vila situada na beira do rio Carú, que é afluente da margem esquerda do rio Pindaré. Neste povoado só recolhi algumas notícias vagas.

Prossigui para São João do Carú, rio acima. Pousei na casa do morador Raimundo Cearense que me deu as primeiras notícias certas dos índios. Raimundo contou que no mês de setembro de 1980, andou caçando até às cabeceiras do igarapé da Fome e lá, no cocal, viu muitos sinais da presença dos índios: palmeiras cortadas (corte feito com “ferro cego”) para tirar palmito, muitas veredas; mas não viu a rancharia dos índios. À minha objeção de que poderiam ter sido sinais de civilizados, ele respondeu que tinha certeza de que eram de índios, porque “nós temos outro sistema”.

CONTINUANDO A MARCHA.

Outro morador de São João do Carú, por mim entrevistado, foi Simão José Ferreira. Em outubro de 1979, ele e alguns companheiros organizaram uma caçada na mata do igarapé da Fome. Viram muitas veredas antigas, “muita jussara cortada”, muita casca de coco. E lá no local das cabeceiras do igarapé toparam com um grupinho de índios. Ficaram com medo e fugiram. Eles “assuntaram um asobio”, escutaram crianças chorar e foram olhar, viram índios nus e se afastaram logo.

De São João do Carú fui até o Centro dos Canguçu, situado à margem direita do rio Turizinho, que é afluente da margem esquerda do rio Carú. O Centro tem 7 casas. Conversei com um morador do lugar, José, e ele declarou: “Aqui era o lugar deles, dos índios”. E contou que, quando chegou em 1979, ele encontrou barracas velhas de índios, muita casca de jabuti, coco velho quebrado, muito pau velho.

Conferiu que as barracas eram oito. Mas também disse que nunca viu os índios aparecerem e nem viu a batida deles. Agora os Canguçu contam que, no mês de outubro de 1980, chegou aí no centro um agrimensor, um tal de Chico de Imperatriz, dando notícia de índios. O agrimensor afirmou para os Canguçu que tinha índios lá perto, pois tinha visto três “barracas novas” na abertura de uma roça. E os índios apareceram.

Eram três tapiris de palha de açai. E a palha era bem verde. O agrimensor disse que viu também cascas de jabuti, alguns jirauzinhos, batida recente e tinha certeza que “era de índio”.

Do centro dos Canguçu desci,

por terra, até o Centro da Taboca, mas aí não obtive nenhuma notícia. Da Taboca desci pelo rio até Santarém, povoado situado nas duas margens do Turizinho. Conversei com Rubem, um siliante do lugar. Ele chegou em 1974, com dois companheiros. Construíram uma barraca e abriram um roça. E os índios pararam.

Rubem e os companheiros quiseram agradar os índios dando roupa e farinha. Os homens nus, com membro amarrado e braçadeiras de semente de ubim, as mulheres de saio de palha de tucum e os mesmos enfeites de ubim. Um dia, os índios carregaram farinha e ferramentas da barraca, apesar de eles já possuírem machado, facas, etc., continuaram, contudo chegando à barraca em busca da farinha de puba.

Nunca quiseram vestir roupa. Rubem contou que viram 8 homens (um velho e os outros bem novos), 3 mulheres e um “bocado” de crianças. E as visitas dos índios continuaram constantemente até que em 1975 (não indicou o mês) desapareceram depois de ter carregado outra ferramenta, e Rubem nunca mais os viu.

Raimundo Rodrigues, conhecido por Bainda, também siliante em Santarém confirmou tudo o que Rubem havia falado, acrescentando algumas coisas sobre a cor dos índios (alguns alvos, outros mais morenos), a altura deles (tinha um velho alto...), os arcos e as flechas “compridonas” com agudas pontas de taquara. Houve uma pequena diferença de data: Raimundo colocou os fatos no ano de 76/77. Assim terminaram minhas entrevistas, gravadas durante uma viagem de 16 a 26 de fevereiro de 1981.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O São PauloClass.: 22Data: 10 de 16/07/81Pg.: 5 (cont.)

GUAJÁ PERAMBULAM. Todos os indícios, "vestuário", os tapiris, o tipo de armas, as cascas de jabuti, os jiraus para o moqueado levam a deduzir que são índios Guajá. O fato de 3 tapiris leva a pensar que sejam três grupos familiares, de 10 a 12 pessoas.

Desde 1976 esse grupo evita qualquer aproximação com brancos. Evidentemente o contato com os "civilizados" foi prejudicial para o grupo, considerando o número de velhos tapiris (8) encontrados pelos Canguçu em 1979 e os três vistos pelo agrimensor de Imperatriz, em outubro de 1980.

Também a respeito da localização, conforme as informações recebidas, tudo indica que os Guajá estão atualmente situados nas cabeceiras do igarapé da Fome e perambulando entre o igarapé e o Turizinho, sendo a região rica de caça, pesca e babaçu, condições ideais para a sua sobrevivência de índios caçadores e nômades. Mas, apesar disso, a situação do grupo se torna precária e dramática devido à recente ocupação da região, por parte dos sertanejos.

A penetração espontânea dos lavradores sem terra, a instalação de fazendas e de grandes empresas, o processo em curso de uma grilagem extremamente selvagem, além de criar conflitos e um clima de grande tensão, tem encurralado os Guajá no trecho das cabeceiras do igarapé da Fome, que, aliás já tem um "dono". É fácil concluir que, se não forem tomadas as devidas providências, os Guajá do Turizinho serão inexoravelmente destruídos.